

# Considerações acerca da violência contra a mulher e as consequências psicológicas durante a pandemia de COVID-19

Cristiane Maria Fagundes<sup>1</sup>

Ronalisa Torman<sup>2</sup>

## RESUMO

A violência psicológica é a forma mais pessoal de agressão contra a mulher, sendo que as palavras têm um forte poder para ferir, fragilizar e impactar a sua autoestima. A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a compreensão das mulheres participantes do Projeto de Extensão Laços de Vida, em grupo terapêutico realizado em formato *on-line*, na cidade de Novo Hamburgo (RS), durante o período pandêmico, acerca da violência psicológica, bem como identificar quais os danos psíquicos que apresentaram frente a ela. A pesquisa caracterizou-se por ser do tipo qualitativa, exploratória e descritiva, e, a fim de atender a proposta, a investigação foi baseada no conceito de amostragem e acessibilidade. A amostra foi constituída por dez mulheres adultas, da cidade de Novo Hamburgo e as entrevistas foram realizadas nas dependências da Universidade Feevale, onde todas haviam participado do grupo terapêutico em formato *on-line*, realizado pelo Projeto de Extensão Laços de Vida. Após as entrevistas individuais realizadas com as mulheres, utilizou-se a análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2020), da qual emergiram duas categorias, sendo elas: “Violência psicológica e período pandêmico: como eu me senti” e “Desdobramentos psíquicos: múltiplos sofrimentos”. Os resultados indicam que o sofrimento psíquico das participantes emerge da violência psicológica sofrida durante o isolamento social e das relações conjugais e afetivas, percebendo-se uma necessidade crescente de novos trabalhos em grupo que oportunizem espaços para fala e escuta para as mulheres.

**Palavras-chave:** Mulheres. Projeto de extensão. Violência. Pandemia de COVID-19.

## Considerations about violence against women and the psychological consequences during the COVID-19 pandemic

### ABSTRACT

Psychological violence is the most personal form of aggression against women, and words have a strong power to hurt, weaken and impact a woman's self-esteem. The present research aimed to investigate the understanding of women participating in the Extension Project Laços de Vida, in therapeutic groups carried out in on-line format, in the city of Novo Hamburgo (RS), during the pandemic period, about psychological violence, as well as identify which psychological damage they present in face of it. For that, a content analysis of the speeches of ten women participating in the therapeutic group was performed. In this way, the research was based on the concept of sampling and accessibility, applicable in exploratory or qualitative studies carried out in a sample consisting of ten adult women from the city of Novo Hamburgo, participants of the therapeutic groups in online format, carried out by the Extension Project Laços de Vida, who joined the therapeutic group and who manifested psychic vulnerabilities during the screenings, as well as in the therapeutic sessions. Through the analysis of the speeches, two categories emerged: “Psychological violence and pandemic period: how I felt” and “Psychic developments: multiple sufferings”. The results indicate that the psychological

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS) e voluntária do Projeto de Extensão Laços de Vida. E-mail: cristianemariafagundes@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Psicóloga pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Especialista em Psicopedagogia. Docente e Supervisora Clínica do Curso de Psicologia da Universidade Feevale. Coordenadora do Projeto de Extensão Laços de Vida. E-mail: ronalisa@feevale.br.

suffering of the participants emerges from the psychological violence suffered during social isolation and from marital and affective relationships, realizing a growing need for new group work that provides opportunities for women to speak and listen.

**Keywords:** Women. Extension project. Violence. COVID-19 pandemic.

## INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea convive cotidianamente com os alertas, em todos os meios de comunicação, sobre o aumento da violência praticada contra mulheres. Os atos violentos que às acometem não se restringem a uma determinada classe econômica. O público feminino de todas as classes sociais, raças/etnias e de todos os níveis de escolaridade são vitimadas por agressões físicas, abusos, estupros, desrespeito, tortura psicológica, entre outras formas.

Pensar sobre a dificuldade de as mulheres identificarem as múltiplas violências sofridas no cotidiano, notadamente a violência psicológica e os fatores que a predispõe, é de suma importância para a pesquisadora, sendo um tema contemporâneo e frequentemente explanado nos grupos realizados com mulheres do Projeto de Extensão Laços de Vida, da Universidade Feevale.

Em sua pesquisa, Nascimento e Souza (2018) perceberam o crescimento preocupante nos números de violência ocorrida entre casais, sendo assim, homens e mulheres são vítimas, mas os homens a cometem com maior quantidade. A violência psicológica a mais complexa de se identificar, já que várias mulheres não têm percepção de que são vítimas deste tipo de violência, entendendo a provocação e o ciúme como manifestações de cuidado e afeto.

Corroborando essa concepção errônea, Diniz e Angelim (2003) afirmam que a mulher interpreta o ato violento como o ciúme que o cônjuge sente, sendo uma manifestação de zelo, compreendida como expressão de sentimentos, ou ainda, interpretação de “esforço” por parte dele. Dessa forma, a esposa procura não desagradar o homem, modificando alguns de seus comportamentos.

De acordo com Cunha (2010), a violência psicológica é definida como toda ação ou omissão destinada a produzir sofrimento moral ou dano psicológico em alguém e que acontece, principalmente, no domicílio da vítima, fato que facilita a invisibilidade. Essa violência se expressa por meio de ameaça, medo, controle, humilhação, indiferença, ciúme patológico, desqualificação, intimidação ou tortura. Essas formas de violência provocam sérios danos psicológicos nas mulheres, como insegurança, frustração, medo e sentimento de ansiedade, e, por conta disso, as consequências são as piores possíveis para a mulher, uma vez que afetam a sua autoestima e saúde.

A partir das entrevistas realizadas, após a participação das mulheres no grupo terapêutico, realizado em formato *on-line*, pelo Projeto de Extensão Laços de Vida, na cidade de Novo Hamburgo (RS), percebeu-se que as participantes sofreram algum tipo de violência psicológica.

O estudo acerca do tema violência psicológica contra a mulher e as implicações psíquicas resultantes de inúmeros atos se justifica, dada a grande relevância no cenário atual, já que é notório o crescente aumento desse fenômeno entre a população mundial, evidenciando-se um problema social e de saúde pública, que afeta a integridade psíquica da mulher, além de constituir uma violação flagrante aos direitos humanos. Logo, a Psicologia não pode se furtar de buscar compreender esta problemática, em face da magnitude de sua repercussão, tanto no âmbito social, quanto no que tange à saúde das mulheres vitimadas.

## 2 MÉTODO

A pesquisa caracterizou-se por ser do tipo qualitativa, exploratória e descritiva, a fim de atender a proposta de investigação. As entrevistas ocorreram no formato presencial, conforme normas da Carta Circular nº 1/2021 – CONEP/SECNS/MS, por meio da flexibilização dos protocolos de segurança da COVID-19, durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2021, e foram previamente agendadas nos turnos que as participantes disponibilizaram.

As entrevistas foram realizadas nas dependências da Universidade Feevale e tiveram tempo de duração aproximado de 45 a 60 minutos; a pesquisadora fez as perguntas e registrou as respostas. As entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE), possibilitando a escrita do presente estudo.

O roteiro da entrevista foi composto por doze perguntas, que foram essenciais para os esclarecimentos do estudo, construídas a partir do problema de pesquisa, tendo como finalidade investigar de que forma as mulheres da cidade de Novo Hamburgo (RS), participantes do grupo terapêutico, em formato *on-line*, pelo Projeto de Extensão Laços de Vida, em situação de vulnerabilidade, compreendem a violência psicológica e quais os desdobramentos psíquicos apresentados por elas frente a essa realidade. A entrevistadora não se ateve apenas às perguntas pré-estabelecidas, atentando-se também aos detalhes extras trazidos pelas participantes. Na Tabela 1, estão apresentadas as informações das dez participantes da pesquisa.

A análise das falas se deu através da categorização, indicada por Bardin (2020), para o método de análise de conteúdo, no qual, a autora propõe que o conteúdo seja classificado em categorias, a partir da leitura e da compreensão das entrevistas. A média de idade das participantes é de 51 anos.

**Tabela 1 – Participantes da pesquisa**

Nome	Idade	Escolaridade	Estado Civil
A1	51 anos	Ensino Médio completo	Casada
B2	53 anos	Ensino Médio completo	Separada
C3	54 anos	Ensino Superior incompleto	Divorciada
D4	48 anos	Ensino Fundamental completo	Casada
E5	54 anos	Ensino Médio completo	Viúva
F6	58 anos	Ensino Fundamental completo	Casada
G7	41 anos	Ensino Superior incompleto	Casada
H8	50 anos	Ensino Médio	União Estável
I9	47 anos	Ensino Médio completo	Solteira
J10	57anos	Ensino médio incompleto	Casada

Fonte: Elaborada pelas autoras, com base nos dados das entrevistas individuais (2022).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo geral deste trabalho consistiu em investigar a compreensão das mulheres participantes do Projeto de Extensão Laços de Vida, da cidade de Novo Hamburgo, ocorrido no formato on-line, acerca da violência psicológica no período pandêmico e quais os danos psíquicos que apresentam frente a ela. Para a análise dos dados apurados, utilizou-se a proposta de análise de conteúdo de Bardin (2020), com base em referenciais psicanalíticos.

A coleta realizada junto às mulheres entrevistadas respondeu ao problema de pesquisa, uma vez que buscou identificar como as mulheres compreendiam a violência psicológica no período pandêmico e os desdobramentos psíquicos diante dessa exposição contínua. Após a análise realizada das entrevistas, foram encontradas duas categorias, que possibilitaram a discussão das questões.

Dessa forma, constituíram-se as categorias “Violência psicológica e período pandêmico: como eu me senti” e “Desdobramentos psíquicos: múltiplos sofrimentos”. Os discursos referem-se aos relacionamentos conjugais e afetivos sob a ótica heterossexual, visto que as participantes mencionaram apenas relacionar-se com homens.

#### 3.1 Violência psicológica e período pandêmico: como eu me senti

Esta categoria foi desenvolvida a partir dos dados referentes à compreensão acerca do conceito sobre violência psicológica por parte das dez mulheres participantes da pesquisa, bem como da análise dos traços desse tipo de violência vivenciada no período pandêmico, compreendido entre março de 2020 e julho 2021, presentes nos discursos, fazendo referência à teoria já exposta. Destaca-se que

falas permeadas por violência psicológica ou sofrimentos decorrentes do isolamento social foram relatadas por sete mulheres.

A violência contra a mulher, na perspectiva de gênero ou de violência conjugal, possui por definição o uso da força física ou verbal, que afeta e prejudica a vida da mulher, em seus diversos aspectos – físico, emocional e sexual. Somada a isso, a coerção é utilizada como elemento de perpetuação da subordinação feminina, sendo o autor desse agravo o parceiro, com quem se estabeleceu ou estabelece relação íntima. (LUCENA *et al.*, 2016).

A pandemia trouxe consigo um impacto de vários sofrimentos envolvidos, problemática do vírus, mudança de rotina, sofrimento mental, perda na economia, entre outros. A violência ocorrida em tempos de pandemia limita a possibilidade das mulheres em situação de violência de serem acolhidas pelos serviços e redes de apoio, forçando-as se submeterem a um sofrimento psicológico ainda maior, por causa do estresse da COVID-19 e da violência doméstica contra si mesmas. (SCHMIDT *et al.*, 2020).

De acordo com Flach e Deslandes (2017), com o aumento das interações digitais, principalmente no período pandêmico, abriu-se um espaço para práticas de violência e discriminação entre parceiros íntimos e pares, nos aplicativos de conversa e redes sociais. O abuso digital ou *on-line* é caracterizado de diversas maneiras, sendo as principais formas desse abuso, o *sexting* (traduzido como "sexo por mensagens de texto", o significado se refere também ao envio de fotos, vídeos e mensagens de áudio) não consentido pela vítima e o controle/monitoramento das redes. O abuso *on-line* no relacionamento afetivo-sexual é reconhecido como um tipo de abuso psicológico e emocional, resultando em sofrimento psíquico.

De acordo Campos, Tchalekian e Paiva (2020), os sofrimentos psíquicos mais comuns decorrentes de violência psicológica são o humor depressivo-ansioso, sintomas somáticos, decréscimo de energia vital, pensamentos depressivos, pensamentos suicidas, depressão, estresse pós-traumático, dentre outros sintomas de ordem psiquiátrica.

Vale ressaltar que situações de violência acarretam sofrimento psíquico não somente às vítimas diretas, mas também, às vítimas indiretas, aquelas que presenciam as agressões, como, por exemplo, os filhos. Alguns sintomas, como problemas na saúde física, insônia, transtorno de ansiedade e depressão, também podem acometer esses filhos e se os sintomas serão de longo ou curto prazo vai depender de cada pessoa e do tratamento dado a ela, sendo que, em tempos de pandemia, o cuidado pode ser dificultado, vindo a afetar o desenvolvimento cognitivo e social, dentre outros problemas. (CAMPOS; TCHALEKIAN; PAIVA, 2020).

Nesse sentido, por meio da análise de conteúdo de Bardin (2020), foi possível afirmar que todas as entrevistadas mencionaram ter sofrido alguma violência no período pandêmico. As falas a seguir sinalizam essa percepção:

*[...] aconteceu na minha vida de casada, houve muitas ofensas entre o casal, não houve a violência física, somente a psicológica. (G7).*  
*Sofri violência psicológica com o [...] conheci ele em agosto e moramos juntos até março do ano seguinte. Ele me traiu com a ex-dele. Ele me convidou para morarmos juntos e dizia que no início a mulher é anjo, depois é diabo. Não aceitava cobranças e dizia que eu queria ser o homem da casa, era machista e gritava comigo. Eu vivia um relacionamento abusivo. (H8).*  
*Durante a pandemia, eu recebia xingamentos gerais do meu marido, do meu filho que é usuário de drogas e da minha filha. Ficar chamando de bruxa e de louca é violência psicológica sim [...]. (J10).*

Em contextos mais atuais, se vive a pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), tida como uma doença infectocontagiosa, nomeada de COVID-19, uma incógnita desde o início para todos. Em razão disso, e com a indicação em nível global de uma crise de saúde pública anunciada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), mudanças relativamente drásticas no cotidiano da população se instalaram, dentre as quais se destaca o isolamento social, que esteve dentre as principais medidas elencadas como necessárias e importantes como estratégia de mitigação de contágio, redução e contenção da doença. Dito isto, e considerando que a população, em sua maioria, teve que se isolar em seus lares, onde as mulheres passaram a vivenciar novas ou velhas rotinas, cada vez mais intensas com seus parceiros, como exposto pelo relatório emitido em abril de 2020, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Para Melo *et al.* (2020), antes da pandemia, as mulheres tinham acesso à consulta médica, ao atendimento nas redes de proteção e à Delegacia da Mulher, porém, em tempos de isolamento social, esses serviços sofreram alterações em seu atendimento, aumentando a dificuldade em ter acesso a eles e, conseqüentemente, às informações acerca de como pedir auxílio.

A violência doméstica e familiar, segundo Davis (2017), é uma realidade vivenciada por muitas mulheres e se mostra, em muitos casos, de forma “sutil”. De acordo com a autora, há dificuldade em identificar relações de violência, sejam elas quais forem, principalmente pelo medo da represália daquele que compõe a relação.

É preciso salientar que, quando se fala em violência contra a mulher, entende-se por todas as relações violentas que se estabelecem dentro do âmbito familiar, mais especificamente ainda quando se trata da relação conjugal e/ou intimidação sexual. Quando o que está em questão é a violência psicológica, a identificação se mostra ainda mais deficiente, pois muitas mulheres não se veem nesta condição, sendo levadas a crer e corrompidas pelo ideário social, fomentado por instâncias, como a

família, religião e o jargão culturalmente propagado, de que se está casada, deverá cumprir com as ditas funções matrimoniais. (DAVIS, 2017).

A fala a seguir exemplifica o quanto a entrevistada reproduziu, durante seu matrimônio, uma cultura patriarcal, onde fica evidenciada a submissão e o medo do cônjuge: “[...] *eu sofri no meu casamento, sofrer pressão psicológica para fazer sexo todo dia, considero grave essa violência. Muitas mulheres são forçadas a fazer sexo. Com duas filhas e sem emprego, eu vivia com medo dele*”. (D4).

Neste relato, é possível perceber que, a princípio, a entrevistada tinha ciência de que estava vivendo uma situação de violência doméstica, até então ela se submetia ao relacionamento e para mantê-lo teria que suportar o sofrimento. Esta situação pode se dar pela dependência emocional do cônjuge, que diminui a possibilidade de buscar o rompimento do ciclo de violência e, assim, algumas mulheres geralmente tentam se adaptar à relação para manter a família, já que culturalmente muitas tendem a manter um padrão de uma sociedade machista. Sendo assim, o rompimento de tal relação pode ocasionar em um medo maior do que o da própria violência. (GOMES et al., 2013).

Hirigoyen (2014) fala que a violência perversa entre casais normalmente é negada e simplificada, reduzida a uma relação de dominação, onde muitas vezes a vítima é considerada cúmplice e responsável. Segundo a autora, isso seria negar o tamanho do poder que paralisa a mulher em situação de violência e a impede de se defender dos ataques e da intensidade das consequências psicológicas dessa perseguição.

*[...] mesmo depois de me separar, meu marido me assediava para fazer sexo, me ameaçava, ele achava que era o dono da casa. Ele me agredia com palavras. Um dia ele soqueou uma porta e quebrou a própria mão. Me denunciou que eu não cuidava da filha e que eu era irresponsável. Eu chorava sozinha, escondida. (C3).*

Nesta fala, fica evidente o dispositivo amoroso em que a mulher, segundo Zanello (2018), não se sente apenas responsável pelo homem, mas também, pelos filhos e filhas, ou seja, por todas as pessoas à sua volta. De acordo com a autora, ela assume este lugar na construção psíquica da sua identidade, enquanto ser subordinada que deve ser forte e chorar às escondidas.

A história, de acordo com Davis (2017), remete à mulher sendo colocada como objeto de exploração e seu corpo sendo visto como fonte de prazer sexual. Muitas mulheres, desde a infância, sofrem pela perseguição machista e durante toda a vida vivem às sombras de atentados horrendos, como o estupro. Visto que essas mulheres sofrem desde seu nascimento e depois ao longo da vida, é sabido, de acordo com a mesma autora, que o movimento antiestupro vem como ativismo e militância

na contramão dessa apropriação dos corpos femininos, na tentativa de aniquilar a ideia de que estes corpos devem estar sujeitos e à mercê do “homem”, a todo custo e a qualquer momento.

Qualquer prática sexual forçada é considerada estupro, mesmo que o estupro seja o companheiro e, além disso, qualquer atitude, como intimidação ou impedimento do uso de contraceptivos, também se enquadra como violência sexual (BUTLER, 2017).

De acordo com Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU MULHERES BRASIL, 2020), o período de isolamento, em função da COVID-19, representou um fator de risco às ocorrências de violência entre parceiros íntimos (VPI), devido às dificuldades econômicas acentuadas pela pandemia, filhos em tempo integral em casa, acúmulo de funções e conciliação de demandas familiares e profissionais no mesmo espaço físico.

As falas a seguir mencionam não somente a compreensão das participantes da pesquisa sobre a violência psicológica sob a ótica dos relacionamentos conjugais no período pandêmico, mas também, a violência sofrida por meio de outros contextos, como ambiente laboral, meios de transporte, mídias, entre outros, durante o isolamento social:

*[...] quando eu peguei COVID-19, eu fui rejeitada no trabalho por causa do vírus, me senti sem o apoio das pessoas. Todos tinham medo de chegar perto de mim, até mesmo no ônibus eu parecia ser um bicho. (A1).*

*[...] sofri violência psicológica em casa, com a família (mãe, irmãs), ninguém entrava em acordo e foi muito difícil a convivência neste período de pandemia. Eu positivei para o vírus e foi muito sofrido para mim e para todos à minha volta, pois eu convivo em comunidade. (F6).*

*[...] na pandemia, eu sofri a violência psicológica da mídia. Foi muita pressão mental sobre as pessoas, algo maçante. (C3).*

A fala da entrevistada A1 evidencia o seu entendimento acerca da violência psicológica, que, para ela, significa “*[...] quando se fala algo que não é verdade sobre a pessoa e tira a capacidade da pessoa, usar a fala para o mal e não para o bem*”.

De acordo com as falas acima, fica evidenciada a violência psicológica em diferentes contextos, seja nas relações conjugais, familiares e/ou laborais, e que durante anos não foram percebidas como tal ou não receberam a devida atenção. Segundo Pereira *et al.* (2013), é possível destacar, por exemplo, um novo status atribuído a comportamentos de humilhação, de isolamento, de controle ou de destruição de documentos pessoais, que não eram claramente definidos ou entendidos como violência psicológica.

Para além disso, as falas a seguir destacam ainda a falta de informações sobre redes de apoio:

*[...] o meu psicológico ficou afetado, só a família que me deu suporte. (G7).*

*[...] escutei a Igreja, me orientaram lá e essa foi a minha rede de apoio, rezar, orar e família. (A1).*

*[...] a única rede de apoio que eu tive foi o Laços de Vida. Depois disso, eu separei, ele viu que eu não ficaria mais quieta. (H8).*

Estas falas demonstram que, ainda nos dias atuais, existe carência a respeito de rede de apoio que acolha e oriente sobre as várias formas de violência. A educação em direitos humanos deve empoderar grupos minoritários, nesse sentido, entende-se que a Psicologia oferece possibilidades de tal empoderamento, através do trabalho realizado em grupoterapia, pois, qualquer que seja a forma de violência sofrida, a vítima necessita de acompanhamento e tratamento psicológico, além da proteção jurídica e entendimento sobre as violências vivenciadas. Salienta-se que a grande maioria das mulheres que são atendidas em projetos de extensão e que sofreram e sofrem violência não tem condições financeiras ou energia psíquica para buscar ajuda, além de baixíssima escolaridade. (SILVA; TORMAN, 2018).

Retomando e refletindo acerca do período pandêmico no qual as pessoas vivenciaram o isolamento social, muitas mulheres estiveram em ambientes propícios para a prática de agressões físicas, como também, de violência psicológica, sexual, moral e patrimonial. (MELO *et al.*, 2020).

Através da análise de dados, verificou-se, nesta categoria, que as mulheres entrevistadas compreenderam a violência psicológica em diversos contextos, porém que a mesma prevaleceu nos relacionamentos conjugais, com maior intensidade e frequência, onde os companheiros desconsideraram seus adoecimentos, o que possibilita a discussão da segunda categoria, que vai discorrer sobre os desdobramentos decorrentes da violência psicológica e os múltiplos sofrimentos vivenciados.

### **3.2. Desdobramentos psíquicos: múltiplos sofrimentos**

Por meio da análise de conteúdo, foram constatados vários desdobramentos psíquicos, os quais, sete das entrevistadas referem apresentar múltiplos sofrimentos decorrentes da violência psicológica vivenciada no período pandêmico. Essa categoria originou-se a partir da identificação de diferentes sintomas trazidos pelas entrevistadas.

As falas a seguir comprovam que, à medida que alguns comportamentos, como hostilidade, frieza emocional, intimidações e humilhações em público, vão sendo repetidos, as vítimas acabam aceitando tudo isso como se fosse algo natural, parte da rotina e demoram para perceber que estão

vivenciando uma relação conjugal que promove adoecimento psicológico. As mulheres se veem manipuladas (consciente ou inconscientemente) e acabam por ter suas opiniões ignoradas, sendo impedidas de sair de casa ou de encontrar amigos e familiares. Esse sofrimento vai minando a saúde psíquica e física, dia após dia. Por meio da análise de conteúdo, seis entrevistadas relataram perceber em si o diagnóstico de depressão, em função da violência psicológica sofrida no período pandêmico:

*[...] Eles querem te prender parece. Meu estado emocional está muito abalado, estou decepcionada e a autoestima não anda muito boa. Estou pensando duas vezes antes de assumir alguém. Eu tenho medo de me relacionar novamente com um homem. (B2).*

*[...] Agora eu tô bebendo quando chego do trabalho, abro uma garrafa de bebida, será que estou ficando louca ou estou com depressão? Tenho dor nas juntas e engordei muito por ansiedade. (H8).*

*[...] durante a pandemia, por várias razões, discussões e brigas, tive crises de ansiedade elevadas e muita canseira de tudo, achei que estava com depressão. (I9).*

Inúmeras são as consequências da violência para a saúde mental da mulher, como a depressão, a ansiedade, a fobia, o estresse pós-traumático, o suicídio, a tentativa de suicídio, o abuso de álcool e drogas e a insônia. (MEDEIROS; ZANELLO, 2018).

Tendo em vista que o acúmulo de sofrimento leva ao adoecimento dessa mulher, embora muitas vezes essa violência não seja compartilhada com os profissionais, quando as vítimas procuram serviços de saúde, pelo medo das ameaças sofridas. (RAZERA; FALCKE, 2017).

A violência representa uma das principais causas de morbidade e mortalidade entre a população feminina dentro do espaço doméstico e as mulheres que sofrem violência acabam vivenciando sequelas físicas e psicológicas, tornando-se vulneráveis a inúmeros problemas de saúde. (DREZETT, 2018).

Após sofrer violência psicológica, a mulher pode apresentar diversos sintomas como consequência. De acordo com Silva *et al.* (2015), é importante observar que os efeitos da violência psicológica comprometem toda a estrutura psíquica, física e social da mulher, onde a vítima perde o interesse em se cuidar, se isola, se sente cansada e mentalmente esgotada, tendo perdas significativas na qualidade de vida. As falas a seguir comprovam os múltiplos sofrimentos mencionados pelas entrevistadas, sendo estes de caráter físico e psíquico, resultantes da violência psicológica sofrida no período pandêmico:

*[...] na pandemia, muitas coisas mudaram no meu organismo, eu comia muito por ansiedade, tive um alto nível de estresse, achei que eu estava louca, sem ânimo para nada, assistindo TV o dia todo. Fui fazer exames e surgiu gordura no fígado e gastrite atrofica. (C3).*

*[...] é tanta briga em casa que é claro que o corpo vai reagir, o corpo que responde, como peguei COVID-19, fiquei com várias sequelas, como depressão, ansiedade, alta irritabilidade. (F6).*

*[...] meu estado emocional se abalou na pandemia e tive crises de ansiedade e depressão. (G7).*

A partir das falas descritas, observa-se que a violência psicológica afeta o estilo de vida da mulher em muitas esferas, o que pode levar à distorção de pensamentos, fazendo-a acreditar que não é importante, não é merecedora de reconhecimento, nem de respeito. A violência psicológica interfere na sua vontade de estar com outras pessoas, família e amigos. Com a harmonia destruída, sofrem caladas, sem coragem de compartilhar as vivências sofridas com mais ninguém. Essas implicações as tornam vulneráveis, ficando mentalmente fragilizadas, o que pode ocasionar, mais tarde, doenças psicossomáticas, como depressão, ansiedade, baixa autoestima, aumento de peso, entre outros males. [...] *É difícil pra mim me tratar, ando de lá pra cá. Fui rejeitada pela comunidade. Sinto falta de ser elogiada, minha autoestima está abalada. (F6).*

Segundo Levy e Gomes (2008) e Schraiber, Oliveira e Couto (2009), a mulher que sofre agressões psicológicas, vivencia sentimentos que geralmente desconhece em si e, quando não dá a importância necessária para tratá-las, pode progredir para sentimentos negativos e mais graves.

Angelim e Diniz (2010) e Zancan, Wassermann e Lima (2013) ressaltam a consequência da violência que se apresenta como isolamento social e solidão. Os autores concordaram que, quando a vítima se encontra em processo de agressão, ela tende a se isolar, construindo muros de proteção ao redor de seus sentimentos, não tendo forças e coragem de se expor. Consequentemente, sente-se sozinha, porque passa a se eximir da companhia dos amigos e família.

Muitas mulheres que sofreram algum tipo de violência relatam transtornos e consequências psicológicas, bem como, a redução da qualidade de vida e menor satisfação em relação à vida, ao corpo, à vida sexual e aos relacionamentos interpessoais. Também, é comum a atribuição à violência sofrida a ocorrência de cefaleia, problemas na coluna cervical, náuseas, tonturas, picos hipertensivos. (SILVA *et al.*, 2015).

Além dos sintomas de isolamento, solidão, desamparo e depressão, já mencionados pelas entrevistadas, percebe-se, ainda nas falas a seguir, o contexto de dependência emocional do cônjuge/companheiro. É notável, na atualidade, que muitas mulheres ainda permaneçam em um estado de dependência do companheiro/cônjuge, tanto na relação emocional, quanto na financeira, fato este que pode prejudicar a autonomia e a capacidade para realizar diversas tarefas no ambiente familiar e, principalmente, restringir a tomada de decisões. É na família que ocorre a primeira experiência de relacionamento interpessoal, é a relação na qual o ser humano é apresentado ao contato afetivo, formando a primeira rede de relações, onde os vínculos se estabelecem e os afetos se apresentam inicialmente:

*[...] fiquei viúva na pandemia. Ele resolvia tudo, era ele quem mandava e hoje estou sofrendo muito, tem dias bons e dias ruins e eu choro muito. Não consigo tomar decisões sem perguntar antes pra alguém, principalmente para a minha filha R. (E5).*

*[...] meu marido sempre me humilhou... [...] nada é bom o que eu faço [...] nada agrada ele. Ele não me dava dinheiro e se incomodava quando eu saía para trabalhar. Eu faço alimentos em casa para vender e ele não permitia eu sair para vender. Dizia que eu tinha que ficar cuidando dos filhos. O meu pai fazia igual com a minha mãe. Tive um pai machista. Ele é pior do que meu pai. (B2).*

De acordo com Adolpho (2017), a afetividade é construída desde as primeiras experiências de vida e a forma como se estabelecem os vínculos será internalizada por meio das linguagens não verbais (ações) e verbais (linguagem). Os padrões familiares adquiridos na primeira infância irão influenciar na vida adulta e nos relacionamentos posteriores. Ressalta-se, assim, a importância de se desenvolver um ambiente familiar seguro, que possibilite a comunicação e a expressão de sentimentos, para que permita ao indivíduo obter, no futuro, confiança e autenticidade nos vínculos que venham a se estabelecer.

Quando a dependência emocional é mútua, existe uma dificuldade ainda maior. Uma relação parental disfuncional, que inicia na infância do sujeito, pode prejudicar o desenvolvimento do indivíduo para o futuro, apresentando dificuldades nos seus relacionamentos, na sua comunicação e, também, na interpretação de suas próprias emoções. Assim, uma das consequências dessa disfuncionalidade são os gatilhos geradores de ansiedade, que a pessoa poderá carregar consigo pela vida toda se não tratada e ressignificada. (ADOLPHO, 2017).

A dependência emocional é um assunto com grande pauta no universo científico, em razão dos prejuízos psicológicos que podem acarretar aos indivíduos, e seu conceito abrange a necessidade de a pessoa ter em quem confiar a sua existência de maneira patológica. A dependência emocional, segundo Bution e Wechsler (2016), é um transtorno aditivo, em que o indivíduo necessita do outro para manter seu equilíbrio emocional e essa necessidade pode ocorrer tanto nos relacionamentos parentais, como nos amorosos ou de amizade.

De acordo com Ferreira e Fioroni (2019), as relações amorosas são fruto de uma determinação social e histórica. O modo como irá se relacionar, afetivamente e sexualmente com o outro, o que irá procurar em um parceiro, os valores esperados em uma relação e o modo como esta irá se configurar, são condicionados pelo tempo histórico em que o sujeito está inserido.

Segundo Adolpho (2017), para que um relacionamento amoroso seja reconhecido como saudável, o mesmo deve ser vivenciado de forma prazerosa, fazendo com que se tenha benefícios em diversas áreas e que proporcione bem-estar e satisfação. Entre muitos casais, o relacionamento amoroso pode ser vivido de forma adversa, criando uma disfuncionalidade que só será percebida quando chegar em casos extremos, quando levar os envolvidos a procurarem ajuda. Esses comportamentos dentro da relação podem gerar uma submissão do companheiro. Em muitos casos, ocorre a aceitação de comportamentos, como a violência física, psicológica, sexual e a negligência.

Os sujeitos podem se inserir em um relacionamento tóxico sem ao menos perceber que estão completamente dominados e submissos aos seus parceiros, gerando uma dependência emocional da qual não conseguem se liberar.

Há um grande sofrimento na pessoa emocionalmente dependente, pois existem inúmeros fatores que agravam sua situação; um deles é o medo de se arriscar e perder o objeto de desejo e a sensação que o mesmo lhe traz, fator esse que gera um incômodo muito maior do que se possa imaginar. Não é fácil um dependente aceitar sua disfunção emocional e, por ter uma grande resistência, conseqüentemente, não procura ajuda necessária, tornando tudo mais difícil. É preciso ressaltar que o primeiro passo para uma melhora é admitir a sua condição.

Fabeni *et al.* (2015) descrevem que muitas pessoas apontam a dependência afetiva como um problema clínico e que, enquanto o sujeito se mantiver em um relacionamento abusivo, que ocasiona um sofrimento imenso, colocará em risco o seu bem-estar físico e emocional.

A violência em relacionamentos amorosos não é um tema da atualidade, esse tipo de comportamento já está inserido na história da humanidade, como também, a necessidade de entender as causalidades dos comportamentos. A análise de reação de vítimas (principalmente mulheres) e os motivos alegados para permanência na relação coercitiva tem sido pauta de estudos acadêmicos. (MARQUES; COLETA, 2010; PEREIRA; CAMARGO; AOYAMA, 2018).

Constata-se, portanto, por meio da análise das entrevistas, que as mulheres relataram diversos sintomas como consequência da violência psicológica vivenciada no período pandêmico e perceberam o quanto esse processo as adoeceu emocionalmente e fisicamente.

Os resultados apontam que 100% das mulheres entrevistadas compreenderam que a violência psicológica é grave, causando prejuízos no bem-estar emocional, nos relacionamentos e na autoestima, de forma geral.

É notável, nas falas mencionadas ao longo desta categoria, que os sentimentos relacionados com humilhações, ofensas, a percepção da desigualdade de gênero nos relacionamentos, a violência psicológica e a dependência emocional do parceiro têm consequências prolongadas, afetando de forma negativa a autoestima, a autonomia e a espontaneidade de cada uma destas mulheres.

Constatou-se ainda, com esta pesquisa, que pelo menos 70% das mulheres vivenciaram algum tipo de violência na infância ou adolescência, tendo a percepção de que comportamentos de brigas e ofensas em um relacionamento é normal, assim como, identificou-se, por meio das falas, que ainda há submissão às figuras masculinas, ou seja, estas mulheres revivem o contexto de uma cultura patriarcal imposta pela sociedade.

A subordinação ao ato sexual, por imposição, ameaça ou intimidação, foi relatado por sete participantes, caracterizando-o como uma violência psicológica, afinal, de acordo com a análise de

conteúdo, estas participantes praticam o sexo sem vontade ou sem prazer, como uma imposição naturalizada, percebida como uma obrigação conjugal.

Os múltiplos sofrimentos mencionados nas falas das entrevistadas nesta categoria comprovam estados depressivos, irritabilidade elevada, crises de ansiedade, aumento de peso, abuso de bebidas alcoólicas, diminuição da autoestima, descrença pessoal e medo de se relacionar com outro homem no futuro. É sabido que, para manter um relacionamento saudável, é indispensável auxílio terapêutico, como forma de promover a autonomia e a individualidade de cada mulher. Infere-se, ao término dessa categoria, que as mulheres se perceberam dependentes de uma relação onde, em algum momento, havia violência psicológica e nível elevado de apego, entendendo que tais relações causaram múltiplos sofrimentos de caráter emocional e físico, resultando em implicações negativas na qualidade de vida e na saúde mental.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A violência psicológica ocorre muitas vezes de forma silenciosa e pode passar invisivelmente aos olhos da sociedade, além de consistir em uma violação de direitos, sendo um problema de saúde pública, trazendo consequências à saúde física e psíquica das mulheres, diminuindo a autoestima e ocasionando a perda da autoconfiança e autonomia, fatos que a inferiorizam diante do convívio social.

Faz-se importante a realização de ações como as desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Laços de Vida, que visa promover o bem-estar e a autoestima de mulheres em situação de vulnerabilidade psíquica e socioeconômica, através de grupos terapêuticos e oficinas de expressividade, que agregam professores e acadêmicos de diversos cursos, notadamente profissionais e estudantes de Psicologia, Medicina, Artes Visuais, Quiropraxia, entre outros.

Finalizando essa pesquisa, que teve como objetivo investigar a compreensão das mulheres participantes do Projeto de Extensão Laços de Vida acerca da violência psicológica e os danos psíquicos causados frente às mesmas no período pandêmico, ocorrido entre os meses de março de 2020 a julho de 2021, percebeu-se que todas as participantes relataram ter um comportamento submisso à figura masculina, além de terem sofrido humilhações, violência de gênero e violência psicológica, demonstrando sofrimentos e mágoas profundas.

Por meio da análise das falas das participantes da pesquisa, surgiram duas categorias, sendo a primeira nomeada “Violência psicológica e período pandêmico: como eu me senti”. Nesta categoria, ficou identificado que 100% das mulheres entrevistadas compreenderam que sofreram violência psicológica de diferentes formas, como humilhações, xingamentos, desvalorizações, submissão ao

ato sexual, mesmo sem ter desejo, além de conflitos nos relacionamentos familiares com pais, irmãos, parentes, e no ambiente laboral.

Ficou identificado que os parceiros/cônjuges são apontados como os principais praticantes de violência psicológica por 70% das entrevistadas, que também chegaram a mencionar que sofreram violência psicológica na infância e/ou adolescência por seu pai ou companheiro de sua mãe na época, o que se relaciona com uma repetição de antigos padrões aprendidos por meio da dinâmica familiar.

Percebeu-se que 30% das entrevistadas relataram ter sofrido violência psicológica em contextos como local de trabalho ou meios de transportes, além da rejeição de familiares no auge do isolamento social, período no qual não havia ainda flexibilização de protocolos de segurança contra a transmissão da COVID-19.

Ainda se identificou, na primeira categoria, que 20% das entrevistadas relataram perseguição sexual por parte do ex-cônjuge, mesmo após estarem separadas do mesmo, fato que é percebido como um relacionamento abusivo por parte do ex-companheiro ou a não aceitação do término da relação conjugal, denotando comportamentos machistas pelo homem.

A segunda categoria, “Desdobramentos psíquicos: múltiplos sofrimentos”, evidenciou o transtorno de ansiedade como o principal dano psíquico, relatado por oito de dez participantes, ou seja, por 80% das mulheres, seguido de sentimentos de baixa autoestima, estados emocionais abalados, suspeita de depressão ou receio de estar enlouquecendo, medo de entrar em novos relacionamentos que promovam a recorrência de sofrimentos, distúrbios alimentares, alterações de pressão arterial e pensamentos acerca de suicídio. É importante salientar que, para algumas mulheres com transtornos emocionais mais acentuados, foi recomendado atendimento psicoterápico individual no Centro Integrado de Psicologia (CIP) da Universidade Feevale, realizado gratuitamente, além de outros locais que realizam atendimento clínico na rede pública.

O grande desafio de uma pesquisa realizada com mulheres em situação de vulnerabilidade psíquica e socioeconômica relaciona-se ao fato de despertar nelas o desejo de falar a respeito de seus sofrimentos mais íntimos, revivendo memórias dolorosas de suas vidas, das quais, muitas vezes, não gostariam de reviver ou expressar.

Conclui-se que ainda se faz necessário, nos dias atuais, desenvolver pesquisas e estudos nos temas relacionados à violência contra a mulher, criando novos grupos e/ou espaços que oportunizem a quebra do silêncio por parte destas, além de realizar uma escuta qualificada por parte dos profissionais de psicologia e demais profissionais da área da saúde. Ainda, para além de grupos de mulheres, também se considera importante quebrar o silêncio dos homens, para que possam desconstruir suas vulnerabilidades e antigos padrões de comportamento de caráter machista e

expressar seus sentimentos e angústias, através da comunicação não agressiva, promovendo um equilíbrio psíquico das relações afetivas e conjugais.

## REFERÊNCIAS

- ADOLPHO, M. S. **A dependência emocional em casais: o amor que aprisiona**. 2017. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Psicologia, Faculdade Integrada de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017. Disponível em: <https://www.fismapsicologia.com.br/wp-content/uploads/2018/10/A-DEPEND%C3%80NCIA-EMOCIONAL-EM-CASAI-O-AMOR-QUE-APRISIONA-2017.pdf>. Acesso em: 03 maio 2022.
- ANGELIM, F. P.; DINIZ, G. R. S. O pessoal torna-se político: o papel do Estado no monitoramento da violência contra as mulheres. **Revista Psicologia Política**, v. 9, n. 18, p. 259-274, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1519-549X2009000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2009000200006). Acesso em: 27 abr. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2020.
- BUTION, D. C.; WECHSLER, A. M. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, PR, v. 7, n. 1, p. 77-101, jun. 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 04 maio 2022.
- BUTLER, J. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CAMPOS, B.; TCHALEKIAN, B.; PAIVA, V. Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de Sars-Cov-2/COVID-19 em São Paulo. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, e020015, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240336>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- CUNHA, T. R. A. A dor que dói na alma: violência psicológica contra a mulher. In: SIMPÓSIO BAIANO DE PESQUISADORES SOBRE MULHERES E RELAÇÕES DE GÊNERO, 16; SEMINÁRIO NACIONAL: POLÍTICAS DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES, 1., 2010, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2010.
- DAVIS, A. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DINIZ, G. R. S.; ANGELIM, F. P. Violência doméstica: por que é tão difícil lidar com ela? *Revista de Psicologia da Unesp*, 2(1), 20-35, 2003. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/1042/961>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- DREZETT, J. Violência sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/1041>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- FABENI, L. *et al.* O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 7, n. 1, p. 32-47, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912015000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 18 abr. 2022.

- FERREIRA, L. H. M.; FIORONI, L. N. **Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade**: um estudo com universitários. São Paulo: ABRAPSO, 2019. Disponível em: [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/580.%20concep%C7%D5es%20sobre%20relacionamentos%20amorosos%20na%20contemporaneidade.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/580.%20concep%C7%D5es%20sobre%20relacionamentos%20amorosos%20na%20contemporaneidade.pdf). Acesso em: 03 maio 2022.
- FLACH, R. M. D.; DESLANDES, S. F. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 7, e00138516, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v33n7/1678-4464-csp-33-07-e00138516.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- GOMES, I. C. B. *et al.* Enfrentamento de mulheres em situação de violência doméstica após agressão. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 28, n. 2, p. 134-144, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/8969>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- HIRIGOYEN, M. F. **Assédio moral**: a violência perversa no cotidiano. Tradução de Maria Helena Kühner. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2014.
- LEVY, L.; GOMES, I. C. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/s9h6jTnp7LyMcG5GPVdJg8h/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- LUCENA, K. D. T. *et al.* Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 139-146, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822016000200003&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822016000200003&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 18 abr. 2022.
- MARQUES, T. M.; COLETA, M. F. D. Atribuição de causalidade e reações de mulheres que passaram por episódios de violência conjugal. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 205-218, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2010000100017](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100017). Acesso em: 06 abr. 2022.
- MEDEIROS, M. P.; ZANELLO, V. Relação entre a violência e a saúde mental das mulheres no Brasil: uma análise das políticas públicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 384-403, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812018000100021](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100021). Acesso em: 27 abr. 2022.
- MELO, B. D. *et al.* (Org.). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19**: violência doméstica e familiar na COVID-19. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Cartilha. 22 p.
- NASCIMENTO, E. S.; SOUZA, K. V. **Relações abusivas**: um olhar cognitivo comportamental. Itabuna, BA: Colegiado de Psicologia, União Metropolitana de Educação e Cultura, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com/handle/123456789/21296>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- ONU MULHERES BRASIL. **ONU Mulheres Américas e Caribe faz 14 recomendações para que mulheres e igualdade de gênero sejam incluídas na resposta à pandemia do COVID-19**. Brasília: ONU Mulheres Brasil, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-americas-e-caribe-faz-14-recomendacoes-para-que-mulheres-e-igualdade-de-genero-sejam-incluidas-na-resposta-a-pandemia-do-COVID-19/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

- PEREIRA, D. C. F.; CAMARGO, V. S.; AOYAMA, P. C. N. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 2, p. 9-25, 2018. Disponível em: <https://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1026>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- PEREIRA, R. C. B. R. et al. O fenômeno da violência patrimonial contra as mulheres: percepções das vítimas. **Oikos – Revista Brasileira de Economia Doméstica**, v. 24, n. 1, p. 207-236, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3653>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- RAZERA, J.; FALCKE, D. Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. **Psicologia Clínica**, v. 29, n. 3, p. 543-562, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v29n3/10.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- SCHMIDT, B. *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos em Psicologia**, Campinas, v. 37, e200063, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- SCHRAIBER, L. B.; OLIVEIRA, A. F. P. L.; COUTO, M. T. Violência e saúde: contribuições teóricas, metodológicas e éticas de estudos da violência contra a mulher. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. S205-S216, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/jt5yff5hHH5cXCHr6Bwzw9p/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- SILVA, D. R. Q.; TORMAN, R. “Em briga de marido e mulher”, metemos a colher: grupos terapêuticos com mulheres em situação de vulnerabilidade e violência de gênero. **Educação, Gênero & Direitos Humanos**, v. 7, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ged/article/view/43002>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- SILVA, S. A. *et al.* Análise da violência doméstica na saúde das mulheres. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 182-186, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822015000200008&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822015000200008&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 27 abr. 2022.
- ZANCAN, N.; WASSERMANN, V.; LIMA, G. Q. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, jul. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2013000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100007). Acesso em: 27 abr. 2022.
- ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.